

A ROSA DO POVO E DIE NIEMANDSROSE: REPRESENTAÇÕES ENGAJADAS

Milene Vânia Kloss¹; Rosani U. K. Umbach²

RESUMO

Acredita-se que os poemas líricos de *A rosa do povo* (1945), de Carlos Drummond de Andrade, e de *Die Niemandsrose* (1963), de Paul Celan, reproduzem a crise na qual se encontravam as sociedades brasileira e alemã, nas décadas de 40 e 60, respectivamente. Esses poetas romperam com a linguagem, através da utilização de recursos como a alegoria e a fragmentação, estabelecendo conexões com antagonismos sociais.

O maior desapontamento existente na modernidade do século XX, é saber que grande parte dos problemas existente é solucionável, mas que, infelizmente, a sociedade não se esforça em resolvê-los. Já vinha de longa data, a idéia de que através da instrução, a harmonia e a felicidade tornar-se-iam possíveis. Entretanto, verifica-se hoje que tais suposições não são possíveis, pois mesmo um país evoluído intelectualmente, como a Alemanha, por exemplo, foi capaz de barbáries, como as duas grandes guerras e, para não deixar de mencionar, Auschwitz. Todos estes atos de crueldade, extremamente irracionais, não condiziam, e não condizem, com a idéia de civilização, muito insistentemente pregada por uma minoria dominante, cujo objetivo é o de manter a população alheia a sua real condição de dominada. Assim, a primeira, por meios de repressão e violência, assegura-se no poder.

Entende-se, neste estudo, que a base da civilização encontra-se na educação, porém uma educação que, segundo Adorno³, busque a “auto-reflexão crítica”, para um despertar individual da consciência. Com isso, espera-se que “os homens, carentes de reflexão sobre si mesmos, sejam dissuadidos de atacarem os outros” (Adorno, 1986, p. 35). Porém, é notável que a “educação pela dureza”, baseada na capacidade de suportar a dor (idem, 1986, p. 39), é ainda muito pregada na sociedade contemporânea. Poucos são os que percebem a nocividade

¹ Mestranda em Literatura Comparada, na Universidade Federal de Santa Maria;

² Professora Doutora em Literatura Comparada, na Universidade Federal de Santa Maria.

³ Adorno, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.

de tal sistema, o qual serve simplesmente para aumentar a revolta e a indignação ao próximo. A educação pela dureza alimenta a inveja e a ira, hoje muito perceptíveis no dia-a-dia, principalmente em comunidades marginalizadas, em que a violência torna-se necessária enquanto afirmação de poder e meio de sobrevivência. É a lei da selva, onde o mais forte sobrevive. Adorno mencionou, em seu escrito *Educação após Auschwitz*, que

(...) a educação deve dedicar-se seriamente à idéia que não é em absoluto desconhecida da filosofia: que não devemos reprimir o medo. Quando o medo não for reprimido, quando nos permitirmos ter tanto medo real quanto essa realidade merecer, então possivelmente muito do efeito destrutivo do medo inconsciente e reprimido desaparecerá (Adorno, 1986, p. 39-40).

Mais uma vez, entra-se em acordo com os apontamentos feitos por Adorno, o qual acredita que “os impulsos humanos” devam deixar de ser “reprimidos”, podendo, então serem “satisfeitos e liberados”. Somente dessa forma, o homem poderá aprender a amar o seu próximo. Para que isso ocorra, entretanto, é preciso estudar as condições que causam a frieza e combatê-las (idem, 1986, p. 43). Adorno, com sua dialética negativa, não discorre sobre uma possibilidade de mudanças, uma vez que o homem ainda tem muito a aprender sobre o amor e o verdadeiro significado da palavra; a falta de esclarecimento e educação são as grandes responsáveis pela pobreza de espírito humano da sociedade. Para ele, a arte pode ser o instrumento capaz de satisfazer as necessidades do pensamento e da consciência contemporânea (através da liberação de emoções e sentimentos reprimidos), mesmo tendo afirmado que “Depois de Auschwitz, não é mais possível escrever poemas” (Adorno, 1991, p. 64)⁴, o que mais tarde veio tornar-se um clichê.

Eu não procuraria desculpar a frase: escrever a lírica depois de Auschwitz é bárbaro; aí está negativamente confessado o impulso que anima a poesia engajada (...). Mas também continua válida a aproximação contrária de Enzensberger: a poesia precisa *resistir a*

⁴ ____ Engagement. In: ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. Trad. de Celeste Aída Galeão e Idalina Azevedo da Silva. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

esse veredito, ser portanto de tal modo que não tome a si pela sua simples existência depois de Auschwitz, o cinismo. Sua própria situação já é paradoxal; e não apenas o modo de comportamento frente a ela. O excesso de sofrimento real não permite esquecimento; a palavra teológica de Pascal “*on ne doit plus dormir*” deve-se secularizar (Adorno, 1991, p. 64).

A arte pode ser também um meio de afirmar o que os grupos de representação social não têm defendido e realizado com propriedade, suprimindo, assim, as exigências do sofrimento e da política. Isto é, ela, a arte, pode servir de voz ao povo marginalizado, o qual não teve chance de se defender. Pode, também, servir aos objetivos essenciais da política não corrupta, promovendo e exercendo a civilidade. Sabe-se que a política, há muito tempo, tem sido instrumento de satisfação dos interesses de uma minoria abastada, a qual faz questão de omitir a real história dos vencidos. O artista tem o poder de desvincular-se da manipulação imposta pelo sistema de dominação, neste caso o capitalismo, vendo-se livre para expressar o modo como encara a realidade social.

Hoje, todos os fenômenos da cultura, mesmo sendo um modelo de integridade, são passíveis de serem sufocados pelo cultivo do *Kitsch*. Porém, paradoxalmente, é às obras de arte que restou o lastro de postular sem palavras aquilo que foi barrado para a política. (Adorno, 1986, p. 65).

Drummond e Celan são exemplos de artistas que utilizaram suas produções poéticas como forma de reflexão e testemunho, respectivamente, de fatos por eles vivenciados. O poeta brasileiro usufruiu, principalmente, de suas duas primeiras obras enquanto registros dos acontecimentos materiais e espirituais do mundo, sempre poetando sobre a relação entre este e o Eu. Pois, de um lado, Drummond trabalha a preocupação com os problemas sociais, fazendo menção à crueldade humana, que é capaz, dentre outras coisas, de lançar uma bomba atômica sobre o território de seu semelhante para garantir e demonstrar poder. E, por outro, ele poetiza os problemas individuais, que, de algum modo, fundem-se com os sociais, ambos derivando de uma mesma fonte sentimental: o egoísmo.

O bloco central da obra de Drummond é, pois, regido por inquietudes poéticas que provêm umas das outras, cruzam-se e, parecendo derivar de um egotismo profundo, têm como consequência uma espécie de exposição mitológica da personalidade (Candido, p. 1995, 112)⁵.

No poema “Rola Mundo”, descrito logo abaixo, percebe-se o comprometimento do poeta para com o real, em uma tentativa de resgatar “a outra face da história” (Grawunder, 1996, p.109)⁶, aquela que não se encontra escrita nos livros da historiografia oficial. O poeta se questiona sobre como “interpretar o que os heróis não contam” (versos 67 e 68), em uma constante busca pela verdade, a qual se encontra “submersa” nas inverdades.

Rola Mundo

Vi o coração de moça
esquecido numa jaula.
60 Excremento de leão,
apenas. E o circo distante.
Vi os tempos defendidos.
Eram de ontem e de sempre,
E em cada país havia
65 um muro de pedra e espanto,
e nesse muro pousada
uma pomba cega Como pois interpretar
o que os heróis não contam?
Como vencer o oceano
70 se é livre a navegação
mas proibido fazer barcos?
Fazer muros, fazer versos,
cunhar moedas de chuva,
inspecionar os faróis
75 para evitar que se acendam,
e devolver os cadáveres
ao mar, se acaso protestam, eu vi; já não quero ver.

(A rosa do povo, p. 59-61)⁷

⁵ CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: _____. *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Livraria duas Cidades, 1995. p. 111-145.

⁶ GRAWUNDER, Maria Zenilda. *A palavra mascarada*. Santa Maria: UFSM. 1996. P. 111-150.

⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record. 2001.

Nota-se, ainda neste trecho, a referência, feita pelo poeta, à falsa paz que norteava o mundo, após a II Guerra Mundial. A passagem que vai dos versos 58 a 77, comprova esta suposição, principalmente através da expressão “pomba cega”, no verso 67. Há também nos versos que vão do 68 ao 77, o que se pode entender como sendo uma referência ao contexto nacional de ditadura militar, período caracterizado por fortes perseguições políticas. Infere-se, assim, que Drummond representa, através deste poema, parte do drama de uma sociedade reificada pela ganância de uma minoria, capaz de jogar aos leões “o coração de moça” (verso 58). Nessa comunidade, já não é mais possível sonhar, a inocência torna-se arma perigosa contra aquele que insiste em mantê-la e venerá-la.

Em Celan, a referência histórica relaciona-se a fatos particulares vivenciados pelo poeta alemão. É através de sua obra que ele testemunha sua experiência, literalmente estilizada, de sobrevivente do Holocausto, situação com a qual não pode conviver por muito tempo, vindo a suicidar-se, em 1970, nas águas do rio Sena. A quebra do verso de Celan⁸ representa a quebra do mundo, que provocou um trauma massivo individual e coletivo. Para ele não há catástrofe que possa ser considerada acidente, sendo o uso desta palavra unicamente cabível enquanto definição de sobrevivência, inclusive a sua própria. No poema *Negraterra* (Celan, 1985, p. 91), o poeta utiliza-se das imagens da “terra”, do “cálice” e da “mão”, para expressar sua “objetividade interior” (sentimentos do poeta em relação a um fato ou objeto exterior), enquanto refém de um campo de concentração.

NEGRATERRA, negra
terra tu, mãe das
horas
Desespero:

5 Com a mão e sua

⁸ CELAN, Paul. *Poemas II: hermetismo e hermenêutica*. Trad. de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

ferida, um de ti
e para ti nascido
cobre o teu cálice.
(“Negraterra” de *A rosa de ninguém*, 1985, p. 91)⁹

Neste poema, de Celan, há uma inversão de sentimentos em relação à terra (personificação do mundo enquanto sistema comandado por uma minoria mantenedora do poder), geralmente associada à vida e à fertilidade. O poeta a descreve, melancolicamente e com pesar, como sendo aquela que proporciona a vida para depois tê-la de volta para si na morte. Assim, o homem não passaria de um joguete do destino, com a única e simples função de servir aos caprichos do mundo, incapaz de compreender o porquê de sua existência. Já, o “cálice” (verso 08) pode ser interpretado como metáfora para “cova” - aquela que o judeu, de *mãos feridas*, fora obrigado a *cobrir*, enterrando seu companheiro de raça em um campo de concentração.

As produções artísticas de ambos os poetas podem ser sustentadas e reforçadas pelas idéias de Adorno, o qual, entre outras coisas, disserta sobre a falta de consciência do ser humano que se auto-afirma civilizado. Assim, entende-se que a crítica cultural encontra-se diante do último estágio da dialética entre cultura e barbárie, uma vez que todo o sistema cultural traz ou produz barbárie. Isto é, Adorno propõe que o instrumento da razão é empregado com diversos fins, sendo que a razão não é o problema, mas sim o modo como está sendo utilizada.

Para Adorno, o crítico dialético da cultura deve participar e não participar da cultura, só assim fará justiça à coisa e a si mesmo. Pois ele deve assumir uma perspectiva contraditória e ambígua, devendo estar dentro e fora do sistema. Drummond e Celan enquadram-se no perfil. O primeiro conhecia muito bem o sistema de governo do Brasil na década de 40, sendo que trabalhava no gabinete do então Ministro da Educação, Gustavo Capanema, no Rio de

⁹ CELAN, Paul. *Cristal*. Trad. de Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Iluminuras, 1999.

Janeiro. Porém, também conhecia a vida do povo, sendo participador ativo na sociedade. No mesmo ano de publicação de *A Rosa do Povo*, 1945, Drummond foi co-diretor do diário comunista *Tribuna Popular*, fundado por Luís Carlos Prestes.

Celan, por sua vez, vivenciou toda a crueldade de um campo de concentração, tendo sua família assassinada pelos nazistas. Testemunhou com profundidade o lado negro do ser humano, para mais tarde, na França, vir a tornar-se celebridade literária. Celan dedicou sua vida aos que foram injustamente calados pela ganância do homem. Os mortos deste poeta alemão não se encontram em paz “Eles ainda mendigam” (Celan, 1999, p. 57), sujeitos às mesmas condições históricas e materiais que destroem os vivos.

As produções artísticas de Drummond e Celan podem ser entendidas como reflexos das conturbações individuais de ambos os poetas, provindas do trauma sofrido frente a realidades sociais e das ambigüidades de suas vivências. Reflexos que acabaram mostrando toda a miséria humana de uma sociedade doente. Os motivos, tais como o egoísmo e a violência, que provocaram inquietudes nos líricos brasileiro e alemão, ainda hoje se fazem presentes no dia-a-dia do homem, demonstrando com clareza a necessidade de uma reeducação dos sentidos, para que ele possa assim realmente atingir o estado maior de uma verdadeira civilização.